

CRESCIMENTO E POBREZA:

Intelectuais do CEBRAP, Igreja Católica e Ditadura Militar na disputa pelos sentidos de interpretação da metrópole de São Paulo

EIXO TEMÁTICO 01: Trajetórias, Institucionalização e Circulação de Ideias no Urbanismo

HERINGER, Max H.

Doutorando; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo

max.heringer@usp.br

RESUMO

O presente artigo procura estudar a história da produção, circulação e recepção de uma trilogia de livros sobre a metrópole de São Paulo elaborada pelo *Centro Brasileiro de Análise e Planejamento* (CEBRAP) em parceria com a *Pontifícia Comissão de Justiça e Paz de São Paulo* (PCJP-SP) durante o período da ditadura militar: *São Paulo 1975: crescimento e pobreza* (1976), *São Paulo: o povo em movimento* (1980) e *São Paulo: trabalhar e viver* (1989). Nossa hipótese é que a história da elaboração desta trilogia expõe os conflitos entre intelectuais, Igreja Católica e militares na disputa pelos sentidos de interpretação dos problemas da maior metrópole do país e pela condução da luta pela restituição da democracia brasileira. Uma história urbana da metrópole paulistana é aqui proposta como um exercício de história social, ou seja, como uma história formulada a partir das relações sociais, políticas e simbólicas construídas entre os envolvidos na elaboração destes livros.

Palavras-chave: história urbana; São Paulo (cidade); Centro Brasileiro de Análise e Planejamento; Pontifícia Comissão de Justiça e Paz de São Paulo; ditadura militar.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article aims to study the history of the production, circulation, and reception of a trilogy of books about the metropolis of São Paulo, produced by the Brazilian Center for Analysis and Planning (CEBRAP) in partnership with the Pontifical Commission for Justice and Peace of São Paulo (PCJP-SP) during the military dictatorship: São Paulo 1975: crescimento e pobreza (1976), São Paulo: o povo em movimento (1980) and São Paulo: trabalhar e viver (1989). Our hypothesis is that the history of the development of this trilogy reveals the conflicts among intellectuals, the Catholic Church, and the military in disputing the meanings used to interpret the problems of the country's largest metropolis, as well as in shaping the struggle for the restoration of Brazilian democracy. An urban history of the São Paulo metropolis is here proposed as an exercise in social history, that is, a history constructed from the social, political, and symbolic relationships built among those involved in the production of these books.

Keywords: urban history; São Paulo (city); Brazilian Center for Analysis and Planning (CEBRAP); Pontifical Commission for Justice and Peace of São Paulo; military dictatorship.

RESUMEN

El presente artículo busca estudiar la historia de la producción, circulación y recepción de una trilogía de libros sobre la metrópoli de São Paulo, elaborada por el Centro Brasileño de Análisis y Planificación (CEBRAP) en colaboración con la Pontificia Comisión de Justicia y Paz de São Paulo (PCJP-SP) durante el período de la dictadura militar: São Paulo 1975: crescimento e pobreza (1976), São Paulo: o povo em movimento (1980) y São Paulo: trabalhar e viver (1989). Nuestra hipótesis es que la historia de la elaboración de esta trilogía expone los conflictos entre intelectuales, la Iglesia Católica y los militares en la disputa por los sentidos de interpretación de los problemas de la mayor metrópoli del país, así como por la conducción de la lucha por la restitución de la democracia brasileña. Se propone aquí una historia urbana de la metrópoli paulista como un ejercicio de historia social, es decir, como una historia construida a partir de las relaciones sociales, políticas y simbólicas establecidas entre los involucrados en la elaboración de estos libros.

Palabras clave: historia urbana; São Paulo (ciudad); Centro Brasileño de Análisis y Planificación (CEBRAP); Pontificia Comisión de Justicia y Paz de São Paulo; dictadura militar.

PENSAR FORA DO EIXO

Nas primeiras horas da madrugada do dia 5 de setembro de 1976, um domingo em pleno feriado prolongado do Dia da Independência, uma bomba é lançada contra a janela de um sobrado na rua Bahia, 499, em Higienópolis, no centro de São Paulo¹. Alguns minutos depois, não muito longe dali, na rua Barão de Limeira, um jornalista do plantão noturno do jornal *Folha de S. Paulo* trabalhava na sede da redação quando atendeu a um telefonema misterioso:

_ É da Agência? Aqui é um membro da Aliança Anticomunista Brasileira. Quero avisar que acabamos de explodir uma bomba na rua Bahia, 499.

_ Um momento, por favor, não entendi bem. Quer repetir? O senhor falou em bomba. Bomba do que? Por que foi explodida? Por quem? Qual o seu nome?

_ Eu já falei antes. Somos da Aliança Anticomunista Brasileira e explodimos agora uma bomba na rua Bahia. Se quiser saber mais, mande alguém pra lá.

_ Como sabe o senhor que posso mandar alguém ao local? O senhor conhece o nosso serviço? Qual é mesmo o seu nome? Jorge disse o senhor?

_ Não disse nada. Só disse que explodimos uma bomba e vamos explodir mais, podes crer.

_ Mas por que as explosões? Explique isso, por favor.

_ Não explico nada. Se quiser saber mais, mande alguém para o local. Já falei demais. Tchau.²

Mesmo com estas pouquíssimas informações, o nome *Aliança Anticomunista Brasileira*, mais conhecida pela sigla AAB, era suficiente para informar à imprensa que aquilo se tratava de mais um atentado terrorista³. Ataques deste tipo promovidos por grupos de extrema direita haviam

¹ As descrições que se seguem são compiladas com base na cobertura de imprensa da época sobre o evento, cuja repercussão não foi pouca. Utilizo-me aqui de reportagens feitas pela *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Veja*. Em especial, sirvo-me também do acervo fotográfico da agência *Estadão Conteúdo*, do grupo d'O Estado de S. Paulo, apresentado nas páginas anteriores.

² Esta transcrição do diálogo – se integralmente verídica ou não, talvez pouco importe – foi apresentada na edição da *Folha de S. Paulo* naquela data. Cf. “DANOS leves numa explosão de bomba contra o Cebrap”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 56, n. 17.321, p.5, 5 de set. de 1976.

³ Assim como grupos paramilitares de extrema direita correlatos, como o *Movimento Anticomunista* (MAC) e o *Comando de Caça aos Comunistas* (CCC), a AAB foi um grupo terrorista que esteve em atividade no Brasil entre as décadas de 1970 e 1980. Seu nome é inspirado no grupo de extermínio argentino *Alianza Anticomunista Argentina* (AAA ou “Triple A”), que, segundo a *Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas* (CONADEP), foi responsável pela morte de mais de 1.122 pessoas durante a ditadura militar do país vizinho. Cf. COMISIÓN NACIONAL SOBRE LA DESAPARICIÓN DE PERSONAS, *Nunca Más*, 1984. No Brasil, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) não apurou nenhuma morte diretamente ligada à ação da AAB e, cabe observar, sequer praticamente cita esta organização em seu relatório final. Pesquisas mais aprofundadas sobre a atuação da AAB, seus atentados terroristas, bem como a sua relação com a AAA, são feitas por FARIAS, José Airton de. *A extrema-direita explosiva: anticomunismo e atentados na abertura da ditadura civil-militar*, 2022, e NEVES Jr., José Wilson Assis. *Alianças anticomunistas e disputas entre Brasil e Argentina durante as décadas de 1970 e 1980: análises dos documentos desclassificados da CIA*, 2022.

PENSAR FORA DO EIXO

inevitavelmente se tornado eventos cotidianos na ditadura militar brasileira (1964-1985)⁴. 1976, em particular, foi um ano que concentrou diversos atentados, sobretudo contra instituições civis e meios de imprensa, apesar da expectativa de “distensão lenta, gradativa e segura” da repressão do regime prometida pelo governo do General Ernesto Geisel (1974-1979)⁵. Poucas semanas antes daquele atentado da rua Bahia, na manhã de 19 de agosto de 1976, por exemplo, uma bomba caseira explodiu num dos andares da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no centro do Rio de Janeiro, e, poucas horas depois, uma outra ainda seria descoberta escondida e desarmada a tempo na sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), também na capital carioca. Estes atentados foram os primeiros reivindicados pela AAB, que fazia do terrorismo com bombas um estilo próprio de ação, por eles justificado como “uma escalada contra a nova tentativa de comunização do Brasil que está em marcha”⁶. O atentado da madrugada em São Paulo era agora informado como sendo o terceiro do grupo⁷.

Mas o que colocava, afinal, aquele atentado em Higienópolis neste plano terrorista da AAB? Que perigos alegadamente “comunistas” haviam naquele endereço insuspeito localizado num dos bairros mais ricos de São Paulo? A equipe da *Folha* certamente deve ter se colocado estas perguntas enquanto se dirigia para o endereço indicado pela ligação anônima. Ao chegar, o que encontraram foi a rua normalmente tranquila do bairro já fechada por carros de polícia e um

⁴ Diversos projetos memorialísticos sobre a ditadura militar procuram reunir e divulgar a história destes atentados, da AAB e outros, como fazem o *Memórias da Ditadura*, do Instituto Vladimir Herzog; o *Memórias da Democracia*, da Fundação Perseu Abramo e Instituto Lula e o *Memorial da Resistência*, da Secretaria de Cultura, Economia e Indústrias Criativas do estado de São Paulo. *Memórias da ditadura* está disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/> Acessado em 15 de fev. de 2025. *Memórias da Democracia* está disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/> Acessado em 15 de fev. de 2025. *Memorial da Resistência* está disponível em: <https://memorialdaresistencia.org.br/> Acessado em 15 de fev. de 2025. Ver também os levantamentos feitos pela *Comissão Nacional da Verdade* (CNV). COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, *Relatório da Comissão Nacional da Verdade*, 2014, vols. 1, 2 e 3.

⁵ Como colocará Élio Gaspari em sua periodização sobre a história do regime, estes são sinais de uma “ditadura derrotada” pelas pressões populares, porém, que ainda se valerá da violência e da arbitrariedade para tentar se manter firme no poder. Cf. GASPARI, Élio. *O sacerdote e o feiticeiro: a ditadura derrotada*, 2002.

⁶ Conforme manifesto expresso em bilhete encontrado junto a bomba da OAB-RJ. Cf. É O QUARTO atentado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 56, n. 17.321, p.5, 5 de set. de 1976.

⁷ Atentados estes que não cessariam, como garantiu a ligação anônima a *Folha de S. Paulo*. Ainda naquele mês de setembro de 1976, no dia 22, outro alvo de ataques seria a Igreja Católica por meio da explosão de um carro-bomba na frente da sede da *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* (CNBB), que se seguiu ao sequestro e espancamento de Dom Adriano Mandarino Hypólito (1918-1996), bispo de Nova Iguaçu/RJ. Neste mesmo dia, o grupo também lançaria uma bomba na residência de Roberto Marinho (1904-2003), proprietário do grupo de comunicações Globo, no bairro de Cosme Velho, no Rio de Janeiro. Em 15 de novembro daquele ano, um novo atentado a bomba seria reivindicado pela AAB contra a sede carioca do jornal *Opinião*, dirigido por Fernando Gasparian (1930-2006). Os verdadeiros autores de todos estes atentados jamais foram identificados e punidos.

PENSAR FORA DO EIXO

caminhão de bombeiros, cercados por um pequeno grupo de moradores um tanto atônitos e vestidos ainda de pijamas. O número 499 correspondia a um sobrado discreto de fachada branca e grandes janelas de vidro no andar térreo abertas para a rua. Uma pequena faixa de jardim sem muitas plantas e um muro baixo com um gradil azul claro eram tudo o que distanciava a fachada da rua. Azul claro era também a cor dos estreitos gradis horizontais que protegiam as grandes janelas, mas que, fatalmente, não foram suficientes para conter o impacto do arremesso da bomba. O artefato – no formato de uma “grande ‘pera’ de ferro” recheada de pólvora, diriam depois os peritos – estilhaçou as vidraças, e a forte explosão logo espalhou fogo e fumaça pelo interior do edifício. O alvo em si, precisamente aquela janela, parecia não ter sido uma mera escolha do acaso: a bomba explodira dentro da generosa biblioteca abrigada naquele sobrado. Cuidadosamente organizada por uma bibliotecária chamada Maria Nazareth Ferreira, esta biblioteca contava com mais de 2.300 títulos de vários temas como economia, política, demografia, sociologia, metodologia em ciências sociais e estatística; mais de 213 séries de publicações periódicas, além de mais de 8.000 volumes de pesquisas acadêmicas diversas, muitas das quais depositadas ali em única cópia manuscrita.

O risco de que todo este rico acervo se perdesse só não foi maior graças à pronta ação de Adelmo Pedro da Silva, o vigia do sobrado, a única pessoa presente por lá na hora do ataque. Ele dormia sozinho na edícula dos fundos do terreno quando foi acordado pelo barulho da explosão – o qual pensou primeiro se tratar de alguma batida de carros na rua. Vizinhos também acordaram, evidentemente. Alguns poucos, ao verem de suas janelas fumaça e fogo, solidarizaram-se em ajudar Adelmo. A explosão abriu uma cratera no piso de tacos de madeira da biblioteca. O fogo consumiu as grossas cortinas da janela, alguns móveis próximos a ela e, ainda, uma pequena parte do arquivo de pesquisas, porém felizmente foi contido a tempo de maiores danos e também não deixou nenhum ferido. Coube aos vizinhos que restaram observando de longe o chamado às autoridades, que não demoraram em aparecer no local. Todos trataram de dizer à polícia e à imprensa que não haviam visto quem jogara aquela bomba. Não se ouviram palavras de ordem, nem nada foi deixado por escrito no local. Nem mesmo o prefeito da cidade, Olavo Egydio Setúbal (1923-2008), que morava a apenas duas quadras da explosão, teve seu sono interrompido por aquela comoção, conforme alegou no dia seguinte. Afora a ligação da AAB que a *Folha* havia recebido com exclusividade ainda na madrugada, pouco se sabia sobre os motivos e os envolvidos naquele atentado. No local, afinal, uma única informação podia ser notada na uma pequena placa afixada logo abaixo da janela incendiada: nela se lia que ali funcionava o *CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento*.

PENSAR FORA DO EIXO

Ao amanhecer, as páginas dos jornais daquele domingo – que habitualmente não deixaram de vir carregadas de reportagens e anúncios celebrativos do Dia da Independência – trataram não só de noticiar apressadamente o ocorrido, mas também de apresentar aos leitores o que era aquele centro de nome pouco sonoro e pouco conhecido, mas que agora, por causa do atentado, era inevitavelmente alçado à pecha de “comunista” pela AAB. Quem saiu à frente para apresentar o CEBRAP e rebater publicamente as acusações suscitadas foi seu próprio diretor-presidente, Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1922-1987). Jurista e filósofo de formação, Cândido Procópio era professor de ciências sociais em importantes universidades de São Paulo naquela época, como a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSPSP) e a Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), e saiu em defesa de que aquele era um centro autônomo de pesquisas socioeconômicas, sem vínculos estatais ou com qualquer organização política “comunista”. Tratava-se, insistiu, de um centro de pesquisas científicas, não uma organização política. “Realiza[mos] um trabalho sério. Procuramos sempre buscar uma visão científica, objetiva, sem concessões, e extremamente conscientes de nossa responsabilidade”, afirmou ele, perplexo, diante da destruição que encontrou naquela manhã⁸.

Ainda que este discurso de aparente neutralidade fosse adotado oficialmente por Cândido Camargo para falar com a imprensa, o CEBRAP era, contudo, um resultado incontornável dos conflitos políticos da ditadura militar brasileira. Fundado em São Paulo apenas alguns anos antes daquele atentado, em setembro de 1969, o centro era uma iniciativa independente de um grupo de professores da Universidade de São Paulo (USP) que foram compulsoriamente aposentados pela ditadura poucos meses após a promulgação do Ato Institucional n.5⁹, dentre os quais a matemática Elza Salvatori Berquó (1931), os sociólogos Fernando Henrique Cardoso (1931) e Octavio Ianni

⁸ DANOS leves numa explosão de bomba contra o Cebrap. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 56, n. 17.321, p.5, 5 de set. de 1976.

⁹ Promulgado em 13 de dezembro de 1968, o quinto dos dezessete atos institucionais decretados no Brasil entre 1964 e 1969 marcou o início do recrudescimento da repressão do regime com a suspensão de diversos direitos políticos civis. Dentre as várias disposições decretadas, como a censura prévia aos meios de comunicação e a ilegalização de manifestações e reuniões políticas públicas, a cassação de professores universitários – traduzida juridicamente como “aposentadoria compulsória” – se tornou uma medida recorrente de perseguição àqueles que se opunham ao regime autoritário dentro do ensino público brasileiro. A primeira leva de professores cassados da universidade brasileira, contanto 23 profissionais de diversas unidades, foi decretada em 25 abril de 1969. A segunda lista, referente somente a professores da USP, foi decretada em 29 de abril daquele ano. Ainda em 20 de outubro de 1969, o Ato Complementar n.75, somar-se-ia a estas aposentadorias com a proibição de contratação de quaisquer um dos nomes cassados por instituições subvencionadas pelo poder público. Entre 1964 e 1985, assim, estima-se que mais de 664 membros da USP, entre professores, estudantes e funcionários foram afastados de suas atividades devido a perseguição política. Ver ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA USP, *O livro negro da USP: o controle ideológico na universidade*, 1978, e COMISSÃO DA VERDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, *Relatório da Comissão da Verdade da Universidade de São Paulo*, 2018, 10 vols.

PENSAR FORA DO EIXO

(1926-2004), o filósofo José Arthur Giannotti (1930-2021) e o economista Paul Israel Singer (1932-2018). Estes jovens professores doutores – todos na casa dos trinta anos de idade quando cassados de suas funções – eram nomes já proeminentes em suas respectivas áreas de atuação, dentro e fora do Brasil, por conduzirem pesquisas relevantes, em geral, sobre as transformações da sociedade brasileira no século XX. É, por isso mesmo, uma geração de jovens intelectuais que se viu logo perseguida por se propor a pensar criticamente o país comandado pelos militares e que, anos antes da bomba lançada pela AAB no seu centro, já havia presenciado a sua universidade, seus gabinetes, bibliotecas e salas de aula serem inteiramente destruídas pelas mesmas forças extremistas de direita¹⁰. Diante deste cenário de destruição e da interrupção abrupta de suas carreiras, este grupo tomou, porém, a difícil decisão de não só permanecer no país, como também continuar atuando como pesquisadores em suas respectivas áreas, quando, na realidade, a saída para o exílio ou o abandono da atividade intelectual pareciam ser os caminhos mais seguros a serem tomados contra a perseguição política¹¹. O *Centro Brasileiro de Análise e Planejamento* nascia, assim, como um projeto autônomo de resistência à ditadura militar por simplesmente insistir em manter no Brasil um campo de atividade intelectual extirpado da universidade pública.

No mundo polarizado da Guerra Fria entre os blocos capitalista e comunista, este projeto de resistência intelectual inevitavelmente colocava o CEBRAP, entretanto, de um dos lados da disputa ideológica. É bem verdade também que muitos dos integrantes que faziam parte do centro, como os próprios fundadores Paul Singer e Fernando Henrique Cardoso, haviam tido no passado envolvimento com os extintos Partido Comunista (PC) – o “partidão” –, o Partido Socialista Brasileiro (PSB) ou movimentos sociais diversos, porém, uma vez tendo sido formado após as cassações, o CEBRAP se empenhou em manter um posicionamento institucional discreto e sem ligação direta com organizações políticas ativas. A seleção, nesse sentido, de Cândido Camargo como diretor-presidente do centro, uma figura fora da lista de cassados da USP e muito bem relacionado no meio universitário da época, foi certamente uma decisão estratégica nesse sentido. Até mesmo a escolha

¹⁰ No episódio que ficou conhecido como “batalha da rua Maria Antônia”, em referência ao nome da rua onde se ficava o edifício da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências da USP (FFLC-USP). A batalha entre estudantes da FFLC-USP e da Universidade Mackenzie (situada do outro lado da rua) estourou em 2 de outubro de 1968, uma quarta-feira, depois que estudantes do grupo mackenzista de extrema-direita Comando de Caça aos Comunistas (CCC) invadiu a FFLC-USP. O prédio da FFLC-USP restou destruído e as atividades da faculdade foram permanentemente transferidas para o campus da Cidade Universitária no Butantã. Ver: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). *Maria Antônia: uma rua na contramão*, 2018.

¹¹ Como acabaram optando, por exemplo, outros professores cassados, como o sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995), que decidiu se exilar no Canadá, e o físico Mario Schenberg (1914-1990) que, optando em permanecer no Brasil, deixou de atuar na sua área de pesquisa original por vários anos. Ver GARCIA, Sylvia Gemignani. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*, 2002, e COHN, Sérgio. *Encontros: Mario Schenberg*, 2011.

PENSAR FORA DO EIXO

do endereço bem localizado no bairro de Higienópolis, no seio das residências da elite paulistana, de autoridades e embaixadas, pode também ser entendida como alguma forma de proteção tácita para o funcionamento do centro.

Estas estratégias de proteção, todavia, como se provou com o atentado a bomba, duraram relativamente pouco. Financiado por diversas agências de fomento à pesquisa majoritariamente internacionais, como a Fundação Ford¹², o CEBRAP já contava com mais de setenta membros associados e diversos bolsistas de pesquisa quando entraram na lista de alvos da AAB. Possuía também um selo editorial próprio – pequeno, porém ativo – da *Editora Brasileira de Ciências*, cuja gráfica ficava nos fundos do sobrado da rua Bahia e que já havia sido responsável por publicar diversas pesquisas elaboradas no interior do centro. Em parceria com a *Editora Brasiliense*, ainda, o CEBRAP chegava à data do atentado com mais de quarenta números publicados de suas revistas especializadas *Cadernos CEBRAP* e *Estudos CEBRAP*, além de colaborar com outras publicações críticas ao regime, como os periódicos *Opinião* (1972-1977), *Argumento* (1973-1974) e *Movimento* (1975-1981). Com estas publicações, o CEBRAP cumpria, assim, um papel não só como um centro de pesquisas, mas também como um meio de intervenção no debate público. Mas até a data do atentado, porém, Fernando Henrique afirmou aos jornais que o centro nunca havia sido alvo de nenhuma ameaça ou violência até então¹³.

O que motivara, afinal, aquele atentado precisamente naquele setembro de 1976? Nos dias que se seguiram, a principal hipótese do motivo do atentado viria à tona na imprensa¹⁴ pela voz do então secretário de segurança pública do Estado de São Paulo, Antônio Erasmo Dias (1924-2010), cujo gabinete, aliás, era localizado a poucas quadras da rua Bahia, na avenida Higienópolis, 758. Erasmo Dias era um dos nomes fortes da linha dura da ditadura militar em São Paulo, sendo preciso lembrar que foi precisamente durante a sua gestão (1974-1979) que foram mortos nas dependências do DOI-CODI Vladimir Herzog (1937-1975) e Manoel Fiel Filho (1927-1976), além de ter sido ele o responsável por comandar a invasão armada à PUC-SP (1977). A respeito do atentado ao CEBRAP, Erasmo Dias minimizou o ocorrido e indagou se aquilo tudo não passava de uma

¹² Muito destaque se dá na historiografia do CEBRAP para o financiamento recebido pela agência estadunidense Fundação Ford. Esta instituição, de fato, teve um papel essencial por viabilizar o funcionamento do centro em seus primeiros anos, sobretudo devido aos grandes repasses de verba feitas, mas é importante destacar que não foi a única financiadora importante na história do centro.

¹³ Conforme depoimento de Fernando Henrique Cardoso à *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 56, n. 17.321, p.5, 5 de set. de 1976.

¹⁴ Conforme entrevista dada pelo secretário à *Folha de S. Paulo* em 7 de set. de 1976. “ERASMO indaga: a quem serve isso?” in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 56, n. 17.323, p.7, 7 de set. de 1976.

PENSAR FORA DO EIXO

estratégia de “propaganda” tramada pelo próprio centro para promover o seu mais recente livro, *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*, lançado nas livrarias no mês anterior.

*Ninguém sabe o que é CEBRAP. Por que é que iria se jogar uma bomba no CEBRAP? Você conhecia o CEBRAP? Então? Ninguém conhece o que é CEBRAP! O que é CEBRAP, CEBRAP, CEBRAP? Ora, como CEBRAP existem inúmeras outras entidades em São Paulo que mereciam uma bomba, e não foi bomba! [São Paulo 1975: crescimento e pobreza] para mim é uma obra que eu vou arquivar, pura e simplesmente [e mostra o livro com numerosos trechos assinalados], porque não tem nenhuma colaboração, não tem nenhuma mensagem, não tem nenhuma proposta de solução, então eu tenho a impressão de que quiseram fazer a propaganda do livro (...) São Paulo tem muito mais crescimento que pobreza (...) o mundo é assim mesmo, tem favela, tem viaduto. Leio este livro todos os dias para ficar com raiva!*¹⁵

O tom visivelmente alterado desta fala do secretário tinha, afinal, seus motivos: há um bom tempo os militares vinham se mostrando incomodados com as atividades do CEBRAP, mesmo que as tolerassem e as mantivessem sob monitoramento. Tudo mudara, porém, com a publicação de *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*, um livro que mostrava os resultados de uma pesquisa coordenada por Vinícius Caldeira Brant (1941-1999) e Lúcio Felix Kowarick (1938-2020), e que contou com uma equipe composta pelos diretores Cândido Procópio, Fernando Henrique, Paul Singer e os jovens bolsistas Frederico Mathias Mazzucchelli (1947), José Álvaro Moisés (1945) e Maria Hermínia Tavares de Almeida (1946)¹⁶. A pesquisa era fruto de uma parceria pioneira feita entre o centro e a Igreja Católica, sob a forma da *Pontifícia Comissão de Justiça e Paz de São Paulo* (PCJP-SP), entidade da Arquidiocese de São Paulo dirigida pelo Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016). Como mostram os relatórios do Serviço Nacional de Informações (SNI) da época¹⁷, tanto o CEBRAP quanto a PCJP-SP eram entidades vigiadas de perto pelos órgãos de

¹⁵ Antônio Erasmo Dias em entrevista concedida à Folha de S. Paulo em 7 de set. de 1976. “ERASMO indaga: a quem serve isso?” in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 56, n. 17.323, p.7, 7 de set. de 1976.

¹⁶ Aqui uma nota necessária sobre a atribuição dos créditos autorais do livro *São Paulo 1975 – crescimento e pobreza*: ainda que o próprio livro traga no final (p. 157) a informação de que Kowarick e Brant (nesta ordem) foram os coordenadores do trabalho, decidimos manter aqui a referência bibliográfica convencionalmente encontrada da obra como “Camargo, Cândido Procópio Ferreira de; *et alli*”, devido ao nome de Camargo estar listado na capa do livro em primeiro lugar na ordem alfabética do primeiro nome dos autores. Esta decisão procura respeitar a intenção original dos autores em apresentar esta pesquisa como fruto de um trabalho coletivo e horizontal do centro e deixa – muito coincidentemente, vale perceber – o nome do seu diretor-presidente à época, Camargo, à frente. Esta questão de atribuição da autoria não se repetirá nos outros trabalhos da trilogia que buscaremos discutir na presente pesquisa, nos quais os créditos de coordenação são explícitos, como de Singer e Brant em *São Paulo – o povo em movimento* (1980) e de Brant em *São Paulo – trabalhar e viver* (1989).

¹⁷ Relatórios disponíveis no Arquivo Nacional por meio do “Fundo Comissão Nacional da Verdade” constituído durante os trabalhos da *Comissão Nacional da Verdade* entre 2012 e 2014. Disponível em:

PENSAR FORA DO EIXO

espionagem e censura militares. De um lado, pelo menos desde 1973, o CEBRAP era considerado pelos militares como uma “tentativa de reorganização da ‘inteligência esquerdista’” que tinha como projeto “difundir suas ideias nos meios intelectuais e universitários” mesmo após a remoção de seus membros das universidades brasileiras¹⁸. Do outro, desde que Dom Evaristo Arns assumira a Arquidiocese de São Paulo, em 1970, aumentaram as preocupações do governo militar com as crescentes denúncias públicas feitas pelo arcebispo com relação à violação de direitos humanos cometidos nas dependências dos órgãos de segurança pública, como o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e o Destacamento de Operações e Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI)¹⁹. A Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, fundada em 1972, viria a ser, justamente, uma entidade protegida pela Igreja Católica brasileira com a função de prestar serviços de assessoria jurídica contra tais violações em São Paulo²⁰.

Neste projeto humanitário, *São Paulo 1975: crescimento e pobreza* seria o primeiro de uma série de livros encomendados pela PCJP-SP ao CEBRAP que colocariam em pauta a defesa dos direitos humanos na metrópole de São Paulo. Como livro inaugural, a proposta não poderia ser pouco ambiciosa ao apresentar o projeto: o livro, de certo modo, pretendia mostrar as violações de direitos humanos não dentro dos órgãos de repressão do Estado, mas sob formas mais despercebidas ou ignoradas do dia-a-dia paulistano²¹. São Paulo, a maior e mais rica metrópole do país, era uma demonstração evidente da banalização destas violações no cotidiano, onde

https://sian.an.gov.br/sianex/consulta/resultado_pesquisa_new.asp?v_pesquisa=&v_fundo_colecao=127870
7 Acessado em: 15 de fev. de 2025.

¹⁸ Estas informações constam no primeiro relatório do SNI identificado sobre o CEBRAP, s/n, com data de 7 de nov. de 1973. Arquivo Nacional, Fundo Comissão Nacional da Verdade, documento digital: br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_73069733_d0001de0001

¹⁹ Ver, por exemplo, o memorando de setembro de 1971 trocado com o Departamento de Estado estadunidense. Arquivo Nacional, Fundo Comissão Nacional da Verdade, documento digital: br_rjanrio_cnv_0_rce_00092003323201487_0033_d0001de0001

²⁰ Cabe observar que as comissões de justiça e paz eram entidades regionalizadas no Brasil, sendo possível que cada estado possuir a sua. A de São Paulo foi a primeira regional do país. São pelo menos três os principais trabalhos historiográficos sobre a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo: CANCIAN, Renato. *Comissão de Justiça e Paz: gênese e atuação política (1972-1985)*, 2001; FESTER, Antonio Carlos Ribeiro. *Justiça e paz: memórias da comissão de São Paulo*, 2005; BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *Fé na luta: a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo da ditadura à democratização*, 2009.

²¹ Aqui vale uma nota explicativa sobre a censura a livros e publicações acadêmicas durante a ditadura militar. Segundo Sandra Reimão (2014), após o AI-5, a censura prévia de livros se tornou impraticável para as agências de controle do regime devido ao grande volume da produção do mercado editorial brasileiro, fazendo com que em 1970, uma portaria complementar do Serviço de Censura e Diversões Públicas (SCDP), vinculado ao Ministério da Justiça, permitisse a isenção de verificação censora prévia para publicações de caráter “filosófico, científico, técnico e didático”. Conforme a autora analisa, a censura passou a atuar então somente após a publicação e distribuição dos materiais impressos, movida grandemente por denúncias da própria sociedade civil. Ver REIMÃO, Sandra. *Proibido a publicação e a circulação... – censura a livros na ditadura militar*, 2014.

PENSAR FORA DO EIXO

massas de trabalhadores de fábricas, escritórios e canteiros de construção se viam cada vez mais explorados, exaustos, doentes e empobrecidos enquanto esperavam pacientemente pela “repartição do bolo”, cujo fermento fora um “milagre econômico” (1968-1973) – para usar algumas expressões do próprio ministro da Fazenda da época, Antônio Delfim Netto (1928-2024). A São Paulo moderna, cosmopolita e atraente dos anúncios comerciais, das telenovelas, das lojas de departamento, do metrô, dos arranha-céus e das grandes avenidas – imagens tão propagandeadas pelos meios de comunicação de massa e endossadas pelos próprios militares – não era tida, contudo, como uma invenção despropositada, mas era reposta como um recorte tacanho, isolado e elitista no seio de a uma metrópole onde o que predominava, na verdade, era a uma vida sem riqueza e sem qualquer expectativa de mudança. O ano 1975 no título procurava, assim, mostrar uma condição de vida metropolitana que ainda era presente mesmo após a cidade ter vivido o maior salto de crescimento econômico de sua história. O jogo de palavras *crescimento e pobreza*, por sua vez, tentava provar a relação perversa de reciprocidade que restou destes anos milagrosos e colocava em questão, portanto, o próprio modelo da sociedade capitalista brasileira que via na experiência da industrialização e urbanização da metrópole de São Paulo um exemplo de sucesso. É precisamente este destrinchamento analítico de um projeto de país tão defendido pelos militares que colocou este livro, o CEBRAP e a PCJP-SP no centro das atenções dos órgãos de repressão. Basta ver, por exemplo, as resenhas feitas pelo SNI sobre o livro, que o acusa apressadamente de “manipula[r] dados ora de fontes oficiais, ora de fontes suspeitas; omit[ir] as realizações governamentais; superdimensiona[r] os problemas da Grande São Paulo; e analisa[r] o sistema econômico brasileiro sob um enfoque nitidamente marxista e negativista”²². Nada podia arranhar, afinal, o otimismo dos paulistanos com relação a vida na metrópole²³.

Apesar desta perseguição, o livro foi, contudo, um sucesso de vendas. Editado pela Edições Loyola, editora ligada à Igreja Católica²⁴, *São Paulo 1975: crescimento e pobreza* foi prefaciado pelo próprio Dom Evaristo Arns e, com tiragem inicial de 3.000 exemplares, foi esgotado ainda no primeiro mês de lançamento, sendo ainda reeditado pelo menos cinco vezes até o final do ano de 1976²⁵. Com relação ao CEBRAP, esta viria a ser a publicação de autoria de seus membros de

²² Relatório SNI Informação n. 916/19/AC/76 de 22 de set. de 1976. Arquivo Nacional, Fundo Comissão Nacional da Verdade, documento digital: br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_78112242_d0001de0001

²³ Como bem mostrou FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*, 1997.

²⁴ Editora fundada na década de 1950 pela irmandade da Companhia de Jesus.

²⁵ Infelizmente não é possível saber ao certo quantos exemplares e edições foram impressas ao total de *São Paulo 1975 – crescimento e pobreza*, pois o livro nunca possuiu um *International Standard Book Number* (ISBN) que registrasse tais informações. A editora, a Edições Loyola, também não dispôs tais registros ao autor do presente trabalho. Sabemos somente que o livro teve pelo menos cinco edições, conforme foi

PENSAR FORA DO EIXO

maior tiragem já publicado até então²⁶. Certamente, o atentado à bomba e a consequente exposição do CEBRAP nos veículos de imprensa nos meses seguintes tiveram um impacto na divulgação do livro – como ironizou depois Erasmo Dias com a teoria infundada do “auto-atentado” como estratégia de propaganda. Para se ter uma ideia, no final de 1976, a revista *Veja* colocaria o livro na seleção dos melhores livros do ano por apresentar um “assustado retrato de São Paulo, uma cidade que parece condenada a ser a metrópole das unanimidades negativas” – uma leitura que valia tão a pena, segundo a revista, que otimismo ou pessimismo a parte, era indicada até mesmo como uma boa opção para presente de natal naquele ano²⁷. Debates sobre o livro com a presença dos autores foram promovidos pela PCJP-SP em diversas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) pelas periferias da metrópole, bem como atraiu também a atenção das universidades e de revistas científicas especializadas, como a *Ciência e Cultura*, onde ganhou uma resenha elogiosa da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiróz: “a seriedade da pesquisa, a acuidade do diagnóstico, vem mostrar também o nível elevado que atingiram os trabalhos dos especialistas de Ciências Sociais entre nós”²⁸. O interesse por *São Paulo 1975: crescimento e pobreza* foi tanto que o livro chegou, inclusive, a ganhar uma edição traduzida para o inglês, que começou a ser preparada já no ano seguinte ao seu lançamento e foi lançada na Inglaterra em 1978, sob o título *São Paulo growth and poverty*. Com novo prefácio de Dom Evaristo Arns, o arcebispo justificou a importância da edição em inglês daquele livro por mostrar “*what the ruling classes pretend not to know, what the tourists never see*”. A arte da capa fez questão, ainda, de destacar uma faixa com o comentário destemperado de Erasmo Dias sobre o livro: “*I read this book every day in order to get angry*”. A ironia com que o secretário havia tratado o atentado era, afinal, devolvida.

Se o atentado da AAB ao CEBRAP foi realmente devido ao sucesso deste livro não há como, de fato, ser provado, pois a organização terrorista nunca mais se pronunciou sobre o ataque, tampouco seus autores foram apreendidos e condenados. Contudo, a indissociação entre ambos

possível rastrear em uma amostra de exemplares disponíveis nas bibliotecas da Universidade de São Paulo. Mais informações sobre a distribuição do livro podem ser colhidas nos relatórios de investigação elaborados pelo Serviço Nacional de Inteligência no período da ditadura militar, que constantemente manteve o CEBRAP e seus membros sob a lupa. Ver: Relatório SNI n. 916/19/AC/76, de 22 de set. de 1976. Acervo digital do Arquivo Nacional, Fundo Comissão Nacional da Verdade (CNV).

²⁶ Esta é uma estimativa nossa com base nas informações sobre números de tiragem de outras obras do CEBRAP registradas em seus relatórios de atividade anuais. Para se ter uma ideia, em 1974, o número de exemplares de uma edição do periódico *Cadernos CEBRAP* era de 3.000 unidades. Se estimarmos por baixo que cada uma das reedições seguintes de *São Paulo 1975: crescimento e pobreza* teve, no mínimo, 1.000 novos exemplares, em 1976 foram, pelo menos, 7.000 livros vendidos.

²⁷ Ver revista *Veja*, edição de 22 de dez. de 1976, p. 113. 1

²⁸ Ver QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Acumulação e pobreza” in *Ciência e Cultura*, vol. 29, n. 4, abr. de 1977, pp. 491-492.

PENSAR FORA DO EIXO

fatos é o que ficou marcado para sempre na memória dos cebrapianos e dos membros da PCJP-SP²⁹. A preocupação pela segurança das instituições e de seus membros após o atentado não foi suficiente, no entanto, para que elas interrompessem suas atividades, tampouco para que perdessem seus vínculos. A PCJP-SP continuou extremamente ativa em seu projeto de defesa e denúncia de violação de direitos humanos em São Paulo e, na mesma linha inaugurada por *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*, interessou-se por continuar denunciando as violências cotidianizadas na metrópole da ditadura militar, como corajosamente fez ao patrocinar os livros do jurista Hélio Bicudo, *Meu depoimento sobre o esquadrão da morte* (1976) e da cientista política Rosa Maria Fischer Ferreira, *Meninos de rua: expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo* (1979). O CEBRAP, por sua vez, mudou sua sede do sobrado de Higienópolis para um edifício de escritórios na região da Avenida Paulista, onde permaneceria até o final daquela década, porém, sem deixar de continuar editando normalmente suas revistas e lançar outros livros ainda na mesma temática da investigação urbana de *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*, como, por exemplo, *A fecundidade em São Paulo: características demográficas, biológicas e socioeconômicas* (1977); *Amazônia: expansão do capitalismo* (1977) e *Bahia de todos os pobres* (1980). Foi necessário esperar, contudo, até o final daquela década, quando a Lei da Anistia e o fim do bipartidarismo animaram a possibilidade da reabertura democrática do país³⁰, para que então um novo livro surgisse em parceria entre o CEBRAP e a PCJP-SP com o objetivo de recuperar o caminho aberto por *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*.

Lançado em 1980 pela Editora Vozes³¹, *São Paulo: o povo em movimento* é um livro que retomaria o projeto inaugurado anos antes ao propor mapear diversos movimentos sociais insurgentes na metrópole durante a ditadura e os papéis que estes teriam como agentes possíveis da reforma dos quadros socioeconômicos urbanos tão preocupantes mostrados no primeiro livro. Numa metrópole que se desenvolveu sem o adequado planejamento do seu espaço e de seus recursos naturais e humanos, o CEBRAP e a PCJP-SP tentavam compreender neste novo livro como eram formadas as novas forças populares de luta por direitos humanos, sobretudo, nas periferias apesar da repressão da ditadura. Organizado por Paul Singer e Vinícius Caldeira Brant, a pesquisa contou também com a participação dos diretores Cândido Procópio Ferreira de Camargo

²⁹ Esta correlação entre o lançamento do livro e o atentado é muito recorrente em muitos relatos memorialísticos e biográficos dos membros das duas instituições. Ver especialmente MONTERO, Paula; MOURA, Flávio (orgs.). *Retrato de grupo – 40 anos do CEBRAP*, 2009; ALONSO, Angela; DOLHNIKOFF, Miriam (orgs.). *1964 – Do golpe à democracia*, 2015; FESTER, Antonio Carlos Ribeiro. *Justiça e paz: memórias da comissão de São Paulo*, 2005.

³⁰ Respectivamente leis federais n. 6.683, de 28 de ago. de 1979, e n. 6.767, de 20 de dez. de 1979.

³¹ Outra editora católica, esta ligada à ordem franciscana.

PENSAR FORA DO EIXO

e Fernando Henrique Cardoso, além dos pesquisadores do CEBRAP Beatriz Muniz de Souza (1936) e Antônio Flávio de Oliveira Pierucci (1945-2012) e, ainda, com um convidado especial de fora do centro, o jornalista Clóvis Moura (1925-2003). Cada um destes autores selecionou e estudou então a trajetória de alguns destes movimentos, bem como especulou sobre o lugar de suas pautas no horizonte mais amplo de reconstrução da democracia no Brasil. Brant se interessou pelos movimentos sindicais, que voltavam a florescer com as grandes greves e as passeatas na Praça da Sé. Singer, por sua vez, olhou tanto para os movimentos de associações de bairro das periferias pobres e suas reivindicações básicas como transporte, saneamento básico, educação e saúde, quanto para os movimentos feministas e de liberdade sexual que se faziam cada vez mais presentes nas ruas. Clóvis Moura, histórico militante antirracista, observará as organizações negras em São Paulo em todas as suas formas desde o período da escravidão: na imprensa, nas escolas de samba, nos cultos de matriz africana, nas agremiações culturais, nas favelas e nos novos movimentos de luta pela igualdade racial. Fernando Henrique Cardoso fará um balanço sobre a dinâmica bipartidária brasileira na ditadura e como ela trabalhou em relação à representação das classes urbanas. 1980 é o ano, vale lembrar, que voltavam a ser permitidos no jogo político os partidos de oposição e quando nasce, em São Paulo, o *Partido dos Trabalhadores* (PT); partido no qual participaram da fundação vários cebrapianos, como o próprio Paul Singer. Cândido Procópio, Muniz de Souza e Pierucci iluminaram, por sua vez, aquele que talvez fosse o movimento social mais importante para a PCJP-SP naquele trabalho: as CEBs espalhadas pelos salões paroquiais de igrejas da periferia metropolitana, que se tornaram plataformas comunitárias incontornáveis para a formação de vários dos outros movimentos sociais tomados no livro.

Muito diferente da fatalidade provocada pelo ataque à sede logo após o lançamento do primeiro livro, o CEBRAP não sofreu um novo atentado com este livro. *São Paulo: o povo em movimento* não deixou, porém, de ser fichado em relatórios do SNI, que apontou preocupação por sua circulação e divulgação no meio de diversos movimentos sociais independentes³². Na imprensa de grande circulação, o livro ganhou mais destaque do que o primeiro quando lançado e foi colocado como uma espécie de referência didática para explicar muitos daqueles movimentos que passaram a tomar visibilidade nas ruas da metrópole a ocupar as manchetes dos jornais com cada vez mais frequência. Em 1982, o grupo de autores é convidado pela *Folha de S. Paulo* para uma grande sabatina chamada *O povo em movimento* que ocuparia uma edição inteira do caderno *Folhetim* e

³² Como mostra o relatório CH/SNI-DSI/MJ-CIE-CIM-CI/DPF do Ministério da Aeronáutica ao SNI, de 18 de ago, de 1982. Arquivo Nacional, Fundo Comissão Nacional da Verdade, documento digital: br_dfanbsb_vaz_0_0_02943_d0001de0001

PENSAR FORA DO EIXO

que tratou de costurar perspectivas do passado, do presente e do futuro da metrópole, trazendo em questão, inclusive, os temas de pobreza e desigualdade já tratados no primeiro livro de 1976. Na literatura acadêmica, o livro ganhou também uma resenha na revista *Espaço & Debates*, que concordou com o surgimento destas forças políticas populares como a única saída possível para o impasse urbano de crescimento condicionado a pobreza³³.

A abertura política prometida permitiu, no entanto, que não somente estes movimentos sociais ocupassem um espaço político na metrópole, mas também os próprios autores do livro. Desde a década de 1970, a presença do CEBRAP em meios de imprensa de oposição ao regime já havia chamado a atenção das lideranças do *Movimento Democrático Brasileiro* (MDB), partido de oposição da ditadura militar brasileira – uma oposição de ação limitada, porém institucionalizada –, que contrata o centro para o desenvolvimento do programa de campanha do partido³⁴. Nesta aproximação, Fernando Henrique Cardoso é certamente o intelectual cebrapiano que mais se destaca pela “improvável” troca da carreira acadêmica pela carreira política ao disputar as eleições para o cargo de senador pelo estado de São Paulo pelo MDB em 1978, cargo que assumiria somente em 1983³⁵. Com o retorno das eleições diretas para prefeitura da capital em 1985, é simbólica, então, a sua candidatura para o cargo do executivo, tendo ficado em segundo lugar após perder para uma figura representativa do velho populismo paulista, Jânio Quadros (1917-1992). O movimento “Diretas já”, igualmente fracassado, seguido da nova Assembleia Nacional Constituinte (1986-1988), continuou, porém, engajando Fernando Henrique Cardoso na vida política, a tal ponto que, junto de alguns outros colegas cebrapianos, como José Serra (1942) e Luiz Carlos Bresser Pereira (1934), chegou a encabeçar a fundação de um partido independente, o *Partido da Social Democracia Brasileira* (PSDB), em 1988.

Na eleição seguinte à prefeitura de São Paulo, em 1989, José Serra não angariaria popularidade suficiente, ficando em 4º lugar na corrida. Nesta eleição, a vitória da candidatura de Luiza Erundina (1934) coloca pela primeira vez na história um partido de esquerda, o PT, à frente da prefeitura de São Paulo. Para a formação da sua equipe de governo, Erundina concede lugares

³³ Ver NUNES, Edison; JACOBI, Pedro. “A força do povo – São Paulo: o povo em movimento” in *Espaço & Debates: revista de estudos urbanos e regionais*, ano 1, n.2, mai. de 1981, pp. 189-192.

³⁴ Ver CARDOSO in MONTERO; MOURA, 2009, p. 35.

³⁵ A primeira campanha de Cardoso para o cargo no senado é em 1978, porém sem obter votos suficientes, ele se torna suplente do titular, Franco Montoro (1916-1999). Nas eleições diretas para o governo estadual de 1982, Montoro é eleito governador, permitindo que Cardoso ocupe a cadeira do Senado no ano seguinte. O termo “improvável” é utilizado pelo próprio Cardoso em suas memórias ao tratar da carreira política que não estava nos planos do jovem professor da USP. Ver CARDOSO, 2014; 2021.

PENSAR FORA DO EIXO

importantes a uma outra ala de cebrapianos ao convocar, por exemplo, Paul Singer para o cargo estratégico de secretário municipal de planejamento³⁶.

A PCJP-SP, durante esta década de abertura, continuou ainda atuante na denúncia de violação de direitos humanos pela ditadura militar, como ficaria sintetizado na importante publicação *Brasil: Nunca Mais – um relato para a história*, de 1985, organizada por Dom Evaristo Arns. Com a eleição de Erundina em 1989, membros da PCJP-SP e das CEBs também ganharam grande participação no governo municipal petista, sobretudo nas administrações regionais das periferias. O vice-prefeito Luiz Eduardo Greenhalgh (1948), por exemplo, era um membro antigo da comissão e um dos coautores de *Brasil: Nunca Mais*. Autor de outra obra importante lançada pela comissão, o jurista Hélio Bicudo ocupou a pasta da secretaria municipal de negócios jurídicos.

Estas atuações diretas do CEBRAP e da PCJP-SP no governo da capital metropolitana não dispensaram, todavia, a produção de um terceiro livro: *São Paulo: trabalhar e viver*, de 1989. Editado, desta vez, pela Editora Brasiliense, o livro celebrou a última parceria entre as instituições e foi também, salvo engano, a última publicação financiada pela PCJP-SP³⁷. A coordenação é novamente creditada a Vinícius Caldeira Brant, que agora ocupa sozinho esta função enquanto os coautores dos outros livros se ocupavam da vida política (Singer e Cardoso) ou haviam falecido (Cândido Camargo, recentemente em 1987). Brant é responsável por organizar um grupo de trabalho misto entre o CEBRAP e convidados externos. Do centro participaram os diretores Elza Berquó e Paul Singer (este dividindo as suas funções na secretaria municipal) e os pesquisadores Antônio Flávio Pierucci, Teresa Pires do Rio Caldeira (1954) e Marcelo Oliveira Coutinho de Lima (1963). De fora, foram convidados os sociólogos Amélia Cohn (1946) e Emir Sader (1943), o economista Milton de Abreu Campanário (1949-2019) e os arquitetos Helena Menna Barreto Silva (1942) e Nabil Bonduki (1955). As condições da vida na metrópole de São Paulo seriam, na linha dos últimos dois livros, tomadas aqui novamente sob a lupa dos direitos humanos, porém colocado agora em uma espécie de balanço após todos aqueles anos de autoritarismo. Neste balanço, surgem novos aspectos da vida metropolitana até então ausentes nos outros trabalhos, como a criminalidade e, muito interessantemente, a solidão, ambos lidos como novos fatos sociais causados pelas dificuldades impostas pela ditadura militar na integração na vida metropolitana e na construção de relações comunitárias. Estes problemas, somados a perpetuação de problemas

³⁶ QUERIDO (2024) faz uma interessante análise das raízes cebrapianas do PT e do PSDB – os dois partidos que protagonizaram o cenário político brasileiro da Nova República por pelo menos duas décadas.

³⁷ Segundo CANCIAN (2005), a entidade nunca foi formalmente extinta pela Arquidiocese de São Paulo, porém passaria por crises financeiras e encolhimento de suas funções a partir da década de 1990 e especialmente após a aposentadoria de Dom Paulo Evaristo Arns do cardinalato em 1998.

PENSAR FORA DO EIXO

sociais antigos, como a miséria e a desigualdade urbanas, são vistos neste último livro não só como resultados do desenvolvimento de um modo de produção capitalista do espaço urbano em particular, mas, *et pour cause*, do modelo político autoritário da ditadura militar que sufocou qualquer possibilidade de transformação social com ou sem “milagre econômico”. Às portas de um novo período democrático, a metrópole é apresentada pelo CEBRAP e pela PCJP-SP neste último livro como um espaço social inevitavelmente construído de forma autoritária, desumana, massificada e violenta e que, enfim, colocava grandes desafios para o futuro.

Da noite do atentado ao amanhecer da democracia³⁸, estes três livros lidos em conjunto – *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*, *São Paulo: o povo em movimento* e *São Paulo: trabalhar e viver* – constroem uma análise diacrônica da metrópole paulistana durante os anos da ditadura militar, sem deixar de registrar as dificuldades, os riscos e as formas em que isso foi possível de ser feito em um contexto de censura e repressão política. Esta “trilogia” pode assim ser tomada como um documento histórico que permite iluminar este período na história da metrópole e, com isso, compreender qual a originalidade autoritarismo na formação do seu espaço urbano – observado aqui, concomitantemente, como um espaço físico, social, cultural, econômico e político. Por reunir todas estas dimensões, uma história urbana da metrópole paulistana pode ser pensada como um exercício de história social, ou seja, como uma história formulada a partir das relações sociais, políticas e simbólicas construídas entre os envolvidos na elaboração destes livros³⁹. Como aqui tentamos reconstituir sucintamente, esta trilogia é resultado do encontro de dois grupos intelectuais, o CEBRAP e a PCJP-SP, que oportunamente somaram forças para disputar com a ditadura militar uma interpretação sobre a maior e mais rica metrópole do país num momento em que isso era uma tarefa pouco fácil de ser feita. Para a historiografia urbana, esta disputa em torno da trilogia de São Paulo aponta para novos desafios de se pensar a cidade brasileira durante o período da ditadura militar.

³⁸ Para usar aqui um par de metáforas – noite e dia – que se tornaram referências tão comuns para se referir ao período da ditadura militar brasileira. Ver CHAGAS, Carlos. *A ditadura militar e a longa noite dos generais (1970-1985)*, 2015; SERRA, José. *Cinquenta anos esta noite: o golpe, a ditadura e o exílio*, 2014; AQUINO, Maria Aparecida de. *60 anos esta noite: a ditadura militar no Brasil*, 2024; CINTRA, Sérgio. *Era noite e nós cantávamos*, 2024; HATOUM, Milton. *A noite da espera*, 2017; FESTER, Antonio Carlos Ribeiro. “A noite escura” in *Justiça e Paz: memórias da comissão de São Paulo*, 2005.

³⁹ Conforme o sentido proposto por CASTRO, Hebe. “História Social” in *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*, 1997.

REFERÊNCIAS

ADUSP – ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **O livro negro da USP**. São Paulo: ADUSP, 1978.

ALMEIDA, Fernando Lopes de (org.). **A questão urbana na América Latina**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

ALQUERES, Hubert. **80 anos: Fernando Henrique Cardoso**. São Paulo: Jatobá, 2011.

ARANTES, Pedro Fiori. “Em busca do urbano: marxistas e a cidade de São Paulo nos anos 1970” in **Novos Estudos CEBRAP**, n. 83, pp. 103-127, março de 2009.

ARNS, Dom Paulo Evaristo (org.). **Brasil nunca mais: um relato para a história**. São Paulo: Vozes, 1985.

_____. **Cidade, abre as tuas portas!** São Paulo: Edições Loyola, 1976.

BAPTISTA, Katia Aparecida. **O CEBRAP como centro de referência para as ciências sociais nos anos setenta**. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara: 2009.

BASTOS, Élide Rugai *et alli* (orgs.). **Conversas com sociólogos brasileiros**. São Paulo: Editora 34, 2006.

BEIRED, José Luis. “A dimensão latino-americana no projeto do CEBRAP” in PRADO, Maria Ligia. **Utopias latino-americanas: política, sociedade e cultura**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **Fé na luta: a Comissão de Justiça e Paz de São Paulo da ditadura à democratização**. São Paulo: Lettera, 2009.

BICUDO, Hélio. **Meu depoimento sobre o esquadrão da morte**. São Paulo: Pontifícia Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, 1976.

BRANT, Vinícius Caldeira. **São Paulo: trabalhar e viver**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BRESCIANI, Maria Stella. “As sete portas da cidade” in **Espaço & Debates: revista de estudos regionais e urbanos**, ano XI, n.34, 1991.

BROOKE, Nigel; WITOSHYNSKY, Mary (orgs.). **Os 40 anos da Fundação Ford no Brasil: uma parceria para a mudança social**. Rio de Janeiro: EDUSP/Fundação Ford, 2002.

PENSAR FORA DO EIXO

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de *et alli*. **São Paulo 1975: crescimento e pobreza**. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

CANCIAN, Renato. **Comissão de Justiça e Paz: gênese e atuação política (1972-1985)**. São Carlos: EdUFSCar, 2001.

CARDOSO, Fernando Henrique. **As ideias e seu lugar: ensaios sobre teorias do desenvolvimento**. São Paulo: Editora Vozes, 1980.

_____. **O improvável presidente do Brasil: recordações**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2013.

_____. **Um intelectual na política: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CASTELLS, Manuel. **La question urbaine**. Paris: Maspero, 1972.

CASTRO, Hebe. "História Social" in CARDOSO, Ciro Flamariom; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CEBRAP – 50 ANOS PENSANDO O BRASIL. Direção: Bruno Horowicz. Produção: Bla Almeida. São Paulo: Mira Filmes, 2019 (17:33 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kDLLbTS1v8&t=10s>

CHAGAS, Carlos. **A ditadura militar e a longa noite dos generais (1970-1985)**. São Paulo: Editora Record, 2015.

CINTRA, Sérgio. "Era noite e nós cantávamos" in **Le Monde Diplomatique**, 27 de nov. de 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/era-noite-e-nos-cantavamos/> Acessado em: 15 de mar. de 2025.

DOMEZI, Maria Cecília. "Dom Paulo Evaristo Arns e a operação periferia" in **Revista de Cultura Teológica**, ano XXX, 2022.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe**. São Paulo: Vozes, 1981.

FARIAS, José Aírton de. "A extrema-direita explosiva: anticomunismo e atentados na abertura da ditadura civil-militar" in **Locus -Revista de história**, v.28, n.2, 2022.

FERREIRA, Maria Fischer. **Meninos de rua: expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo**. São Paulo: Pontifícia Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, 1979.

PENSAR FORA DO EIXO

FESTER, Antonio Carlos Ribeiro. **Justiça e paz: memórias da comissão de São Paulo**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. São Paulo: Editora FGV, 1997.

GIANNOTTI, J. A. "CEBRAP: vinte anos depois" in **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 25, p.3-7, 1989.

_____. "CEBRAP 30 anos" in **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 55, vol.3, p.3, 1999.

GORELIK, Adrián. **La ciudad latinoamericana: una figura de la imaginación social del siglo XX**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2022.

HATOUM, Milton. **A noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOGAN, Daniel J. *et alli*. **Cidade: usos & abusos**. São Paulo: Brasiliense, 1978.

LAHUERTA, Milton. **Intelectuais e transição: entre a política e a profissão**. Tese de doutorado apresentado à Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1999.

LEONI, Brigitte Hersant. **Fernando Henrique Cardoso: o Brasil do possível**. São Paulo: Nova Fronteira, 1997.

LIMA, Jacob Carlos; BOMENY, Helena (orgs.). **Retratos: sociólogos e sociólogas brasileiras**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2021.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. São Paulo: Vozes, 2000.

MICELI, Sérgio. **História das ciências sociais no Brasil – Volume 2**. São Paulo: Editora ANPOCS, 1995.

_____. **Fundação Ford no Brasil**. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1993.

MONTERO, Paula; MOURA, Flávio (orgs.). **Retrato de grupo: 40 anos do CEBRAP**. São Paulo: Cosacnaify, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

PENSAR FORA DO EIXO

NEVES JR, José W. A. “Alianças anticomunistas e disputas entre Brasil e Argentina durante as décadas de 1970 e 1980: análises dos documentos desclassificados da CIA” in **Anales del IX Congreso Latinoamericano de Ciencia Política (ALACIP)**, Santiago, 2022. Disponível em: <https://alacip.org/cong22/52-neves-22.pdf> Acessado em: 15 de mar. de 2025.

NUNES, Edison; JACOBI, Pedro. “A força do povo – São Paulo: o povo em movimento” in **Espaço & Debates: revista de estudos urbanos e regionais**, ano 1, n.2, mai. de 1981, pp. 189-192.

PÉCAULT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. “Acumulação e pobreza” in **Ciência e Cultura**, vol. 29, n. 4, abr. de 1977, pp. 491-492.

QUERIDO, Fabio Mascaro. **Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas**. São Paulo: Boitempo, 2024.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015 [1984].

SAUNDERS, Frances Stonor. **Quem pagou a conta? A CIA na Guerra Fria da cultura**. São Paulo: Editora Record, 2008.

SCHMIDT, Benício; FARRET, Ricardo. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar” in **Estudos CEBRAP**, n.3, 1973.

SERRA, José. **Cinquenta anos esta noite: o golpe, a ditadura e o exílio**. São Paulo: Editora Record, 2014.

SINGER, Paul Israel. **Economia-política da urbanização**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

SORJ, Bernardo. **A construção intelectual do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Zahar Editorial, 2001.

VALLADARES, Lícia do Prado; FREIRE-MEDEIROS, Bianca. “Olhares sociológicos sobre o Brasil urbano: uma visão a partir do UrbanData-Brasil” in OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.